

Michel Maffesoli e as assimetrias na circulação internacional de intelectuais

Michel Maffesoli and the asymmetries in the international circulation of intellectuals

Michel Maffesoli y las asimetrías en la circulación internacional de intelectuales

Eduardo Dimitrov* 

Lucas Page Pereira ** 

RESUMO

O artigo analisa o caso de Michel Maffesoli como um exemplo paradigmático das assimetrias na circulação internacional de intelectuais, enfatizando os efeitos de refração simbólica entre os campos acadêmicos francês e brasileiro. Apesar da marginalidade epistêmica de Maffesoli na sociologia francesa, ele adquiriu reconhecimento institucional no Brasil, onde sua obra foi amplamente traduzida, divulgada e financiada por agências públicas. A pesquisa evidencia como essa valorização se baseia não apenas na adesão ao conteúdo teórico e mais em dinâmicas de aclimatação simbólica: redes de sociabilidade, pragmatismo institucional e mecanismos de legitimação deslocados. Ao analisar a posição periférica do campo acadêmico brasileiro e sua busca por internacionalização, o artigo revela como determinadas figuras periféricas nos centros de produção podem ser convertidas em autoridades simbólicas na periferia, gerando inversões hierárquicas e deslocamentos nos critérios de reconhecimento. Com isso, propõe-se uma reflexão sobre os limites das sociologias da recepção e da circulação internacional que ignoram as estruturas específicas dos campos nacionais e suas hierarquias internas. O caso Maffesoli ilustra como processos ativos de consagração e reconhecimento operam em campos assimetricamente posicionados no espaço global do saber.

Palavras-chave: Michel Maffesoli, circulação de ideias, alodoxia, circulação internacional de intelectuais, sociologia da recepção.

* Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (2014) e Professor Adjunto do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (SOL/UnB).

** Université Paris-Saclay, Paris, França.

Doutor em Sociologia, Professor e Pesquisador na École Normale Supérieure Paris-Saclay.

ABSTRACT

The article analyzes the case of Michel Maffesoli as a paradigmatic example of asymmetries in the international circulation of intellectuals, emphasizing the effects of symbolic refraction between the French and Brazilian academic fields. Despite Maffesoli's epistemic marginality within French sociology, he gained institutional recognition in Brazil, where his work was widely translated, disseminated, and funded by public agencies. The research highlights how this valuation is based not merely on theoretical adherence but rather on dynamics of symbolic acclimatization: networks of sociability, institutional pragmatism, and displaced mechanisms of legitimization. By examining the peripheral position of the Brazilian academic field and its pursuit of internationalization, the article reveals how certain peripheral figures in core academic contexts can be converted into symbolic authorities in peripheral contexts, generating hierarchical inversions and shifts in recognition criteria. It thus proposes a reflection on the limits of sociology of reception and sociology of international circulation when they overlook the specific structures and internal hierarchies of national academic fields. The Maffesoli case illustrates how active processes of consecration and recognition operate within asymmetrically positioned fields in the global space of knowledge.

Keywords: Michel Maffesoli, circulation of ideas, *alodoxia*, international circulation of intellectuals, sociology of reception.

RESUMEN

Este artículo analiza el caso de Michel Maffesoli como ejemplo paradigmático de asimetrías en la circulación internacional de intelectuales, enfatizando los efectos de la refracción simbólica entre los campos académicos francés y brasileño. A pesar de su marginalidad epistémica en la sociología francesa, Maffesoli alcanzó reconocimiento institucional en Brasil, donde su obra fue ampliamente traducida, difundida y financiada por organismos públicos. La investigación muestra cómo esta valorización se basa no solo en la adhesión al contenido teórico, sino también en dinámicas de aclimatación simbólica: redes de sociabilidad, pragmatismo institucional y mecanismos de legitimación desplazados. Al analizar la posición periférica del campo académico brasileño y su búsqueda de internacionalización, el artículo revela cómo ciertas figuras periféricas en los centros de producción pueden convertirse en autoridades simbólicas en la periferia, generando inversiones jerárquicas y cambios en los criterios de reconocimiento. Por lo tanto, propone una reflexión sobre los límites de las sociologías de la recepción y la circulación internacional que ignoran las estructuras específicas de los campos nacionales y sus jerarquías internas. El caso Maffesoli ilustra cómo los procesos activos de consagración y reconocimiento operan en campos asimétricos en el espacio global del conocimiento.

Palabras clave: Michel Maffesoli, circulación de ideas, alodoxia, circulación internacional de intelectuales, sociología de la recepción.

Introdução

Na página 21 do *Estadão* de 7 de julho de 1985, Gilberto Freyre assina o artigo “Resposta a um entusiasta do milho”. Após longas digressões sobre suas conferências em Baylor e Harvard e sobre o paradoxo entre a recusa da Gallimard em publicar *Casa Grande & Senzala* por seu suposto reacionarismo e a decisão da Academia de Ciência de Moscou de traduzi-lo para o russo, o sociólogo responde a um empresário que o teria questionado sobre a importância cultural do milho. Já ao final do artigo, Freyre afirma:

Em interessantíssimo estudo sociológico de jovem mestre francês – o professor Michel Maffesoli – do qual acaba de aparecer tradução portuguesa prefaciada por outro jovem mestre brasileiro – mestre Roberto Motta – intitulado *A sombra de Dionísio*, contribuição a uma sociologia da orgia. Na sua apresentação, o mestre brasileiro salienta da obra, um tanto inovadora, do seu colega francês, que nela se considera tanto a força de um presente, como a de um ânimo orgiástico que penetraria todas as instâncias da vida social. A orgia representaria o elemento dionisíaco. Dionisíaco como princípio criativo sempre alegre ou festivo.

Aplicado o conceito dionisíaco aos produtos mais ligados à alimentação do brasileiro tradicional e castiço, não será o milho o mais orgiástico, o mais dionisíaco, o mais criador de alegrias entre seus consumidores? Basta que sejam lembradas as já referidas comemorações dos santos mais populares do Brasil – Santo Antônio, São João, São Pedro (Freyre, 1985).

Roberto Mauro Cortez Motta, que entre 1989 e 1991 recebeu uma bolsa do CNPq para realizar um pós-doutorado na Université Paris V, sob supervisão de Maffesoli, anos depois parece hesitar quanto à sua relação com o então “jovem mestre francês”. Em entrevista ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), ele afirma:

Inclusive eu sou culpado, ou ao contrário, tenho mérito – hoje em dia tendo a pensar que eu sou culpado – da introdução de Michel Maffesoli no Brasil. Eu fiz prefácio para vários livros dele e tudo. Era um tempo que eu me dava, por exemplo, com o Luiz Felipe Baêta Neves, não sei se você sabe quem é, do Rio de Janeiro, que era [inaudível/muito influente?] nas editoras... (Motta, 2015, p. 26).

Luiz Felipe Baêta Neves Flores,¹ por sua vez, também realizou um pós-doutorado com Maffesoli, entre 1984 e 1986, com bolsa do CNPq. No final dos anos 1980, Neves coordenou a coleção “Ensaio & Teoria” na editora Forense Universitária, onde publicou seu livro *As máscaras da totalidade totalitária* (1988) e, no ano anterior, o sexto livro de Maffesoli publicado no Brasil: *Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*.

Reconhecido por sua visibilidade midiática, estilo ensaístico e proliferação editorial, Maffesoli sempre enfrentou críticas entre sociólogos franceses, que apontam falta de rigor metodológico, discrepância em relação aos padrões científicos e práticas de favoritismo na administração universitária. Desde os anos 1980, sua carreira é marcada por polêmicas, como: a eleição para professor na Universidade Paris V, em 1982, em detrimento do já renomado Jean Claude Passeron; a orientação da tese de doutorado de Elizabeth Teissier, em 2001, defendendo a astrologia como ciência; sua nomeação ao conselho do Centre national de la recherche Scientifique (CNRS), em 2005, que gerou uma petição contrária com três mil assinaturas; e acusações de autopromoção no Conseil national des universités (CNU), em 2007. Em 2015, um falso artigo publicado em sua revista *Sociétés* expôs fragilidades de sua abordagem e critérios editoriais. Talvez por isso Motta hesite entre considerar mérito ou culpa ter contribuído para a difusão de Maffesoli no Brasil.

Apesar de sua marginalidade epistêmica no campo sociológico francês, Michel Maffesoli possui certa centralidade institucional, tendo ocupado cargos importantes e recebido diversas honrarias. Sua defesa da interdisciplinaridade se refletiu no recrutamento de orientandos de diferentes áreas, ampliando a circulação de suas ideias além da sociologia. Maffesoli também investiu fortemente na difusão de sua abordagem, seja pelo grande volume de publicações e traduções, seja pelo elevado número de teses orientadas. Ele está entre os acadêmicos que mais orientaram doutorados na França nas últimas quatro décadas, com pelo menos 155

¹ Luiz Felipe Baêta Neves Flores possui graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF/1968), mestrado (1975) e doutorado (1984) em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi professor da Fundação Getúlio Vargas/RJ e do Museu Nacional da UFRJ. Foi professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Infelizmente, foi uma das vítimas da COVID-19 em 2021.

teses,² número três vezes maior que o seu colega de departamento, Louis-Vincent Thomas, segundo colocado entre os sociólogos, com 57 teses (Abes, 2024, 2025; Pezzuto Damaceno & Mena-Chalco, 2022).

O papel de destaque do Brasil é uma das particularidades da trajetória de Michel Maffesoli. Sua obra foi amplamente publicada em português e, desde 1982, acompanhada por dezenas de conferências em várias cidades brasileiras. Em abril de 2025, uma pesquisa no Google Scholar indicava 19.100 referências ao seu nome em português, número muito superior ao das publicações em inglês (11.000), espanhol (10.200) ou francês (8.800). Assim, a circulação lusófona de sua obra foi fundamental para a construção de seu capital internacional na França, sustentada principalmente pelo recrutamento de doutorandos brasileiros que garantiram os processos de produção e de reprodução de sua obra. Pesquisadores e instituições de fomento do Brasil, buscando suas próprias estratégias de internacionalização, colaboraram com sua carreira: Maffesoli orientou 45 doutorados, 15 mestrados, ao menos seis pós-doutorados e três doutorados-sanduíche de brasileiros, sendo que 40% contaram com bolsas da Capes, CNPq ou outras agências (ver Gráfico 1).³

Esses pesquisadores atuaram tanto como informantes, fornecendo dados empíricos para suas teorias, quanto como intermediários, difundindo sua obra por meio de traduções e organização de eventos, como a publicação de *O tempo das tribos* no Brasil antes da edição francesa. Envolveram-se também em “turnês” de conferências e divulgação em jornais.

É justamente essa articulação incongruente entre, no campo francês, uma marginalidade epistêmica com sua centralidade institucional e, para pesquisadores e instituições brasileiras, um sociólogo que merece ser recebido, traduzido e tido como um anfitrião privilegiado que nos interessa aqui. Com efeito, as especificidades da circulação de Michel Maffesoli no campo acadêmico brasileiro permitem-nos formular uma hipótese mais geral sobre os efeitos da assimetria estrutural nas trocas intelectuais. Com base na teoria dos campos de Pierre Bourdieu e nas pesquisas recentes sobre campos

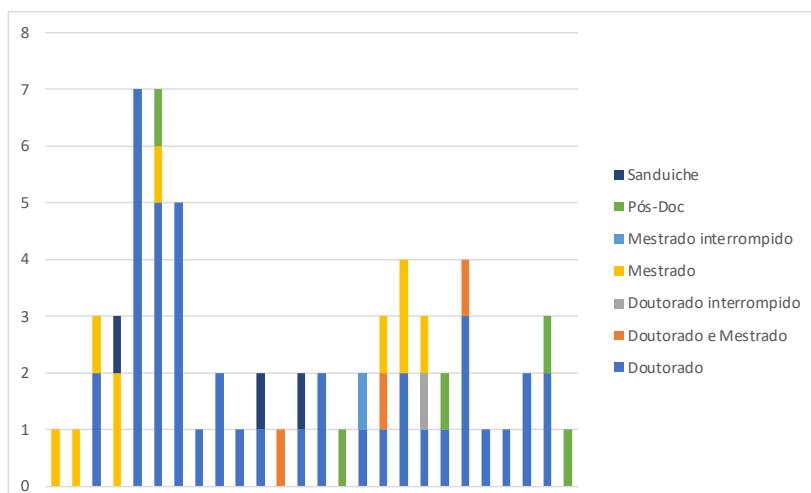
² Como veremos mais adiante, os números variam segundo as fontes e o cruzamento de informações. Assim, em entrevista a nós concedida em 30 de maio de 2023, ele afirma ter orientado 195 teses. Já na lista oficial de teses que ele orientou e que consta ao final de sua autobiografia, constam 154 teses (Maffesoli, 2025). Por fim, cruzando as informações das bases de dados do Système Universitaire de Documentation (Sudoc), *thèses.fr* e da plataforma Acácia, nós conseguimos enumerar 155 teses defendidas sob sua orientação, 16 mestrados, três doutorados-sanduíche e seis supervisões de pós-doutorado.

³ Houve ainda um caso de doutorado interrompido e outro caso de mestrado interrompido.

extranacionais em uma situação de globalização, pensar em uma forma específica de *allodoxia*, na qual os critérios de legitimidade institucional vigentes em um determinado campo nacional (por exemplo, no campo acadêmico brasileiro) podem resultar em um descompasso sistemático entre as hierarquias no interior do campo estrangeiro (por exemplo, no campo acadêmico francês) e as hierarquias percebidas (*i.e.*, a reconstrução no Brasil das hierarquias no campo acadêmico francês).

Neste artigo, analisamos esse fenômeno a partir do estudo empírico da trajetória de Michel Maffesoli, de sua rede de orientação e das condições sociais de recepção de sua obra no Brasil. Mais do que uma simples adesão ao conteúdo de sua sociologia, nossa hipótese é que sua circulação internacional resulta de posições desiguais entre os espaços nacionais e de mecanismos de reconhecimento cruzado, nos quais a centralidade institucional mascara sua marginalidade epistêmica nos principais circuitos de legitimação disciplinar. Inicialmente, apresentamos a questão teórica que orienta nosso estudo e sua relação com outras dimensões da circulação internacional de agentes e produtos culturais. Em seguida, reconstruímos a trajetória de Maffesoli e sua posição no campo francês, para depois examinar sua recepção no Brasil. Por fim, destacamos elementos que ajudaram a posicionar o Brasil em sua estratégia de internacionalização.

Gráfico 1. Distribuição de pesquisadores brasileiros por ano e tipo de formação



Fonte: Compilação feita a partir do Sudoc, Acácia e Lattes. Foram consideradas as datas de defesa do maior título ou a data de término do período sanduiche ou Pós-doc.

Ofuscamentos na circulação internacional de ideias

Nos trabalhos de Pierre Bourdieu, o campo constitui uma estratégia relacional de construção de objetos sociológicos, visando analisar as dinâmicas de produção, circulação, legitimação e hierarquização das diferentes formas de capital dentro de espaços sociais. Para Bourdieu, um campo é um espaço social estruturado de posições, ocupadas por agentes e instituições, em luta pela acumulação e distribuição de uma forma específica de capital (simbólico, científico, literário, econômico etc.). Nesse sentido, o campo é, ao mesmo tempo, um campo de forças – onde as relações objetivas entre posições estruturam os limites e possibilidades de ação – e um campo de lutas – onde se enfrentam estratégias destinadas a manter ou subverter a hierarquia vigente no campo. A estrutura do campo, definida pela distribuição desigual do capital, pesa sobre os agentes e restringe seu horizonte de ação. Relativamente autônomo em relação a outros campos, ele dispõe de uma lógica própria, de regras específicas, de instâncias próprias de regulação e de consagração que asseguram sua reprodução (controle dos direitos de acreditação, prêmios, suportes de difusão etc.), e os agentes que dele participam compartilham uma crença no valor dos interesses do campo (*illusio*). Um campo pode englobar espaços que são eles próprios campos (Bourdieu, 2015, Aula de 14 de dezembro de 1982 *et seq.*; Bourdieu, Bourdieu & Poupeau, 2022).

O grau de autonomia de um campo não é seu grau de isolamento, mas a capacidade relativa de que dispõem seus agentes de definir seus próprios critérios de hierarquização e de resistir à ingerência de outros campos dominantes (Sapiro, 2019; Sapiro & Pacouret, 2015). Assim, os agentes dispõem de uma autonomia relativa em relação às condições de produção, às práticas do campo e em relação à recepção e aos usos de seus produtos (Bourdieu, 2015). Inversamente, um campo “fraco” é um campo com baixa autonomia e baixa diferenciação interna, funcionando como um espaço de mediação entre lógicas heterogêneas, caracterizado por formas de hierarquização pouco estabilizadas e fortemente dependentes de recursos exógenos (Topalov, 1999; Vauchez, 2013). Contudo, como mostra Vauchez (2013) a propósito do campo jurídico europeu, um campo “fraco” não é necessariamente fraco em termos de seus efeitos sociais.

Se, historicamente, os campos tendem a se estabelecer e se estabilizar primeiramente no nível nacional (Bourdieu, Bourdieu & Poupeau, 2022; Sapiro, 2013), eles nunca estiveram imunes a um processo de internacionalização (Sapiro, 2023; Sapiro, Santoro & Baert, 2020) e, em alguns domínios, até mesmo de transnacionalização (Buchholz, 2022; Go, 2024; Lillo Cea, 2024; Sapiro, Leperlier e Brahimi, 2018). Ora, tendo em vista a inserção diferenciada dos diversos países na globalização, as assimetrias econômicas e políticas estruturais entre eles se traduzem em formas e graus variados de dominação e exploração entre “centros” e “periferias” do sistema (Buchholz, 2018; Ortiz, Michetti & Netto, 2023; Wallerstein, 2011). No entanto, um campo situado em posição periférica não se confunde automaticamente com um campo fraco. Um campo periférico pode ser fortemente estruturado e relativamente autônomo internamente, ainda que permaneça dominado no espaço global; inversamente, um campo fraco pode ocupar uma posição central em termos geográficos, políticos ou econômicos, mas apresentar baixa autonomia. A articulação entre campo fraco e posição periférica repousa, portanto, em duas lógicas distintas: uma interna (autonomia estrutural) e outra externa (posição em um espaço hierarquizado). Quando essas duas condições – fraqueza e “perifericidade” – se combinam, os efeitos de assimetria são exacerbados. O campo fraco-periférico torna-se particularmente vulnerável à imposição de normas exógenas, que são muitas vezes interiorizadas sem questionamento quanto à sua pertinência local e/ou sem os meios para lhes resistir.

No que diz respeito aos campos científico e acadêmico e à circulação internacional de ideias e de agentes, frequentemente foram destacadas as diferentes formas de mal-entendidos (no nível da seleção, da classificação e da interpretação dos produtos e produtores) e efeitos de *alloodia* resultantes do descompasso estrutural entre os contextos de produção e de recepção das obras e dos autores (Bourdieu, 1976, 2001, 2002; Sapiro, Santoro & Baert, 2020). Em um contexto de crescente globalização da produção acadêmica, esses efeitos são reforçados pela recomposição dos critérios de avaliação acadêmica em escala global sob influência dos critérios que vigoram no campo acadêmico estadunidense, pela centralização das instâncias e marcadores de consagração, e pela vertiginosa circulação de bens simbólicos extraídos de seus contextos de origem (Fray & Lebaron, 2022; Lillo Cea, 2024; Ortiz, 2008; Sapiro, 2023).

O que ocorre, no entanto, quando um campo periférico relativamente autônomo – ainda que submetido a um processo próprio, diacrônico e

descompasso de transformação dos critérios de avaliação acadêmica – projeta seus próprios esquemas de hierarquização simbólica sobre outro campo que não é o dominante globalmente, mas que tampouco lhe é subordinado? Como compreender os efeitos dessa projeção quando ela recai sobre um campo estrangeiro que preserva certa autonomia estrutural e histórica? Seria possível que, nessas condições, os critérios de valoração utilizados no campo periférico operem um descompasso significativo em relação aos critérios vigentes no campo receptor? Que tipo de efeitos essa defasagem pode produzir sobre a percepção das posições ocupadas por determinados produtores e produtos, levando, por exemplo, à consagração de figuras relativamente “marginais” como se fossem “centrais”? E, por fim, em que medida esse fenômeno contribui para obscurecer as lógicas internas de funcionamento dos campos envolvidos, afetando concretamente as estratégias de reconhecimento, de legitimação e de circulação dos saberes e dos agentes entre eles?

As nuances da circulação intelectual entre França e Brasil em torno de Michel Maffesoli – seja por meio de sua recepção como teórico do imaginário e da pós-modernidade, da exportação de doutorandos sob sua orientação que, ao retornarem ao Brasil, são valorizados pelo prestígio simbólico de um “doutorado na Sorbonne”, ou ainda pela publicação de brasileiros na revista *Sociétés*, que, embora tenha sido alvo de um artigo falso na França, é frequentemente tomada aqui como indicativo de internacionalização qualificada⁴ – revelam de forma exemplar a refração das hierarquias vigentes na circulação de intelectuais entre a França e o Brasil.

Michel Maffesoli, trajetória, controvérsias e redes de circulação

Michel Maffesoli nasceu em 1944, em Graissessac, um pequeno vilarejo rural no sul da França, situado em um polo mineiro. É oriundo de uma família operária e católica que, em sua ascendência paterna, conjuga um

⁴ A Revista *Sociétés* (ISSN - 0765-3697) na avaliação Qualis-capes 2017-2020 foi classificada como A4 nas áreas de Sociologia, Demografia, Interdisciplinar, Arquitetura, Urbanismo, *Design* e Comunicação. No período 2013-2016, foi classificada como B1 na área de Arquitetura, Urbanismo e *Design*; como A1 na área de Comunicação, Informação e Museologia; como A2 na área Interdisciplinar; e como B3 na área de Saúde Coletiva. No período 2010-2012, foi classificada como B1 na área de Antropologia / Arqueologia; como A1 na área de Comunicação, Informação e Museologia; como A2 na área Interdisciplinar; e como A2 na área de Sociologia.

imigrante italiano e uma imigrante argelina. Sua formação foi marcada por uma forte vivência religiosa e acadêmica, com passagens por instituições católicas e protestantes e pelo encontro com pensadores que o aproximaram da tradição filosófica de Heidegger e da sociologia de inspiração weberiana.

Em 1969, Maffesoli inscreveu-se em uma tese de doutorado com Roger Mehl (1912-1997), teólogo e reitor da Faculdade de Teologia Protestante. Mas, em razão de incompatibilidades ideológicas – o protestantismo sendo demasiado “progressista” e avesso à “Tradição” que lhe é tão cara (Maffesoli, 2025, p. 85-87) – realizou seu doutorado de 3º ciclo em sociologia na Universidade de Grenoble sob a orientação do marxista Pierre Fougeyrollas,⁵ defendendo em 1973 uma tese sobre o conceito de história articulando a escola de Frankfurt, Heidegger e a antropologia estruturalista intitulada *L'enracinement dynamique : l'histoire comme un fait social total* (1973).⁶ Em clara ruptura com o marxismo, é sob a orientação de Gilbert Durand que defendeu sua tese de doutorado de estado *La dynamique sociale : la société conflictuelle : pour une anthropologie politique* (1978).⁷

Entre 1974 e 1978, Michel Maffesoli ocupou o cargo de *maître-assistant* em sociologia na Universidade de Grenoble. Após uma rápida, porém determinante, passagem pela Universidade de Estrasburgo (1979-1981), Maffesoli é eleito, aos 37 anos, em 1981 ao cargo de professor de sociologia na Universidade Paris V.

É na Universidade Paris-V que, em 1982, Maffesoli criou o Centre d’Études sur l’Actuel et le Quotidien (Ceaq). Como declarou à Folha de São Paulo naquele ano, “o Ceaq foi criado para abrir um campo novo dentro da sociologia. Queríamos uma alternativa à abordagem anglo-saxônica e à perspectiva marxista” (Cambará, 1982). O Ceaq é formado por dez grupos de pesquisa temáticos e dois seminários regionais, um sobre o Brasil e outro sobre a Coreia. Maffesoli era o único titular a participar da iniciativa; os demais integrantes eram ex-orientandos, voluntários, doutorandos e estudantes. Maffesoli afirmou que

⁵ Pierre Fougeyrollas (1922-2008) é um sociólogo das mídias de orientação marxista próximo de Jean Duvignaud e de Edgard Morin. Ele militou por uma mudança do perfil da universidade, em especial dirigindo dezenas de teses de estudantes oriundos da classe operária e do professorado.

⁶ O júri da defesa foi composto por Fougeyrollas e pelos filósofos Michel Philipot (1921-1991) e Simone Debout-Oleszkiewicz (1919-2020), que se tornaria amiga da família Strohel-Maffesoli.

⁷ O júri da tese de doutorado foi composto por: Gilbert Durand (1921-2012), Directeur de thèse; Julien Freund (1921-1993), Président du jury; Georges Balandier (1920-2016); Jean Duvignaud (1921-2007); e Pierre Sansot (1928-2005).

o Ceaq funcionava como uma guilda na qual um mestre forma os aprendizes e os companheiros trabalhando juntos. [...] foi o lugar da eleição de uma verdadeira ‘cavalaria espiritual’. E isso em oposição à confusão “científica” dominante (Maffesoli, 2025, p. 281-282).

O centro dispunha de pouquíssimos recursos da universidade e ocupava uma pequena sala na Faculdade de Medicina (e não na de Ciências Sociais). Após conflitos com a administração sobre a gestão do Ceaq e a orientação dos estudantes, foi associado ao Centro de Ética Médica, dirigido por Christian Hervé.⁸ Segundo o próprio Maffesoli, outros universitários e a administração viam no Ceaq traços de uma “seita maffesoliana” (Maffesoli, 2025, p. 243 *et seq.*) par lui dévoilée. Comment est-il devenu le grand sociologue de la postmodernité que l'on connaît ? Quelles sont les racines de son oeuvre ? Et comment a-t-elle rayonné dans le monde entier ? Malgré les vents contraires, les effets de mode et les cabales, Michel Maffesoli a forgé une pensée originale, fondée sur une attention infatigable à l'harmonie des contraires. Tel qu'en lui-même, il raconte sa jeunesse et ses années de formation. Ses études et ses maîtres. Ses élèves et ses rencontres avec de célèbres philosophes. Et nous offre, ce faisant, un formidable tableau d'époque traversant le xx^e siècle. De ses influences premières à ses évolutions récentes, du tribalisme au nomadisme, c'est tout son cheminement qu'il retrace, celui d'un penseur incontournable. Une grande épopée pour (re)exigiam que tanto o Ceaq quanto Maffesoli seguissem as normas vigentes para o trabalho universitário.

Independentemente da origem dos conflitos ou do grau de científicidade atribuído ao Ceaq, o fato é que ele era a engrenagem central da atividade intelectual de Michel Maffesoli. Cada subgrupo temático de pesquisa era coordenado de forma relativamente autônoma por um pesquisador “precário” ou voluntário, em geral ex-doutorandos de Maffesoli.⁹ Esses coordenadores desempenhavam papel fundamental no acolhimento, acompanhamento e desenvolvimento das pesquisas dos doutorandos.

O Ceaq e seus subgrupos recebiam orientandos de diversos países, criavam uma rede de solidariedade e auxiliavam tanto nas questões práticas

⁸ Christian Hervé (1949-) é médico e diretor do Laboratório de Ética Médica da Universidade Paris V (Paris-Cité). Ele é conhecido especialmente por, em 1995, ter sido eleito Grão-mestre do Grande Oriente da França, mas ter sido excluído do cargo em razão da manipulação das eleições daquele ano (Devinat, 1995; Faujas, 1995; Thenard, 1995).

⁹ No contexto universitário francês, “precários” são os doutores que não possuem um posto fixo, ocupando tanto cargos remunerados, porém instáveis, quanto funções não remuneradas.

da vida em Paris quanto nas primeiras etapas das pesquisas. Ali ocorriam as discussões iniciais, revisões de textos e correções de escrita. Quando o responsável pelo grupo considerava que a estrutura, um capítulo ou parte da tese havia atingido certo grau de maturidade, os orientandos procuravam Maffesoli, que então discutia e orientava individualmente cada aluno.

Todos os ex-orientandos brasileiros entrevistados destacaram não apenas a relevância das reuniões do Ceaq, mas também a proximidade de Maffesoli na orientação, sempre que solicitado.¹⁰ Ele os recebia em seu apartamento com os textos lidos e comentados. Isso é relevante porque, independentemente da “sociologia” maffesoliana, não se pode acusá-lo de falta de profissionalismo na orientação dos doutorandos. Pelo contrário, sua gestão acadêmica foi extremamente estruturada e produtiva. Por fim, são os pilares empíricos dos diversos trabalhos desenvolvidos pelos membros do Ceaq que sustentam as sínteses elaboradas por Maffesoli desde meados dos anos 1980.

É também nessa dinâmica que se inscrevem os dois principais espaços de difusão das ideias e pesquisas de seu grupo, a saber, a revista *Sociétés* (criada em 1984) e os *Cahiers de l’Imaginaire* (em 1988). É nessas duas publicações, alimentadas pelos trabalhos mais ou menos consistentes, cobrindo as mais diversas temáticas do Ceaq, que a sua perspectiva sociológica se consolidou. No entanto, como mostraram Gingras e Bertin, o léxico da revista *Sociétés* pode facilmente ser tomado como deslocado no campo da sociologia.

O que os métodos quantitativos da bibliometria e da análise de textos mostram de forma clara é que, independentemente do estatuto que se decida atribuir à revista de Maffesoli, pode-se afirmar com certeza que ela não faz parte – nem por seus autores, nem por seu conteúdo – do espaço comum das revistas de sociologia geralmente consideradas como as mais centrais da sociologia francesa (Gingras & Bertin, 2015).¹¹

Esse deslocamento temático das pesquisas também é visível na área de atuação dos alunos de Maffesoli após as defesas. Dos 176 alunos encontrados, apenas 40 (23%) atuam na área de Ciências Sociais, sendo que de 65 deles (37%) não se conseguiu informações profissionais, mas provavelmente

¹⁰ Para este artigo, entrevistamos oito ex-orientandos de Maffesoli.

¹¹ Segue o trecho original: Ce que les méthodes quantitatives de la bibliométrie et de l’analyse des textes montrent toutefois clairement est que, quel que soit le statut que chacun peut bien décider d'accorder à la revue de Maffesoli, on peut affirmer avec certitude qu'elle ne fait pas partie, ni par ses auteurs, ni par son contenu, de l'espace commun des revues de sociologie généralement considérées comme les plus centrales de la sociologie française.

desenvolvem carreiras fora da academia, dada a ausência de publicações e/ou vinculações institucionais às universidades ou centros de pesquisa. A área com maior concentração é a de comunicação, o mundo dos negócios (*Design, Inovação, Marketing, Moda, Gestão*) e a Enfermagem/Saúde Coletiva (ver Tabela 1).

Tabela 1. Área de atuação profissional de ex-orientandos de Michel Maffesoli

Área de ocupação	Nº
Sem informação e sem atividade acadêmica	65
Ciências Sociais	40
Comunicação	29
<i>Design, Inovação, Marketing, Moda, Gestão</i>	9
Enfermagem/Saúde Coletiva	7
Artes	6
Ciência do Esporte	3
Arquitetura e Urbanismo, Artes Cênicas, Filosofia, Serviço Social, Servidor Federal (Brasil), Terapeuta Esotérica	2 casos cada
Consultoria, Direito, Educação	1 caso cada
Total Geral	176

Fonte: Elaborada pelos autores com base em dados de Sudoc, Lattes, LinkedIn, sites pessoais e institucionais.

Desde muito cedo, Michel Maffesoli soube articular suas grandes capacidades relacionais – reconhecidas mesmo por seus maiores críticos (Quinon, 2015, p. 13ss.) – com um grande capital social. Não somente ele soube criar pontes com diversos intelectuais de renome (Maffesoli, 2025), como soube se valer desses contatos para progredir em sua carreira e para investir em instâncias internacionais como uma estratégia de valorização e de difusão de suas ideias, que encontravam – e ainda encontram – uma grande resistência no campo acadêmico francês. Assim, de Cornelius Castoriadis a Umberto Eco, passando por Martin Heidegger e Pierre Bourdieu, Michel Maffesoli produziuativamente encontros que, se foram muito desiguais em termos de seus frutos, lhe garantiram a possibilidade, tipicamente mundana, de se valer do capital simbólico partilhado com o pão e o vinho. Ademais, ele soube tecer uma aproximação estratégica com Georges Balandier (1920-2016) e outros professores da Universidade Paris-V (Jacques Lautman, André

Akoun e Louis-Vincent Thomas) que garantiram sua eleição ao cargo de professor desta universidade. Por fim, esteve envolvido na construção do *Premio Europeo Amalfi per la Sociologia e le Scienze Sociali* (1989-2010), participou ativamente da *International Sociological Association* (ISA) e do *Institut International de Sociologie* (início dos anos 1990), ampliando uma rede que ele soube mobilizar em diversos momentos estratégicos e, ao mesmo tempo, dar uma visibilidade internacional à sua obra.

Esses elementos corroboram a hipótese de uma dissociação entre prestígio institucional e reconhecimento científico no campo sociológico. Maffesoli orientou diversos doutorados, teve sua obra amplamente traduzida e conseguiu se estabelecer em diferentes contextos acadêmicos periféricos – considerando-se a sociologia como centro. No entanto, apesar de ter ocupado posições institucionais de prestígio, permanece uma figura marginal dentro do campo disciplinar, como indicam os baixos índices de citação em periódicos da área, a ausência de interlocutores duradouros em revistas de referência e a recorrente recepção negativa de seus trabalhos por parte de seus pares sociólogos.

A recepção brasileira: condicionantes e estratégias de aclimatação simbólica

A primeira vinda documentada de Michel Maffesoli ao Brasil ocorreu em dezembro de 1981, quando realizou uma conferência no Centro de Estudos Sociais Aplicadas da Faculdade Cândido Mendes (Cesa-CM) no Rio de Janeiro sobre a temática do cotidiano. Essa conferência será seguida por sua primeira “turnê” pelo país em abril/maio de 1982, quando participa do simpósio organizado pelo Cesa-CM sobre “Cotidiano e mudança” (centrado na obra de Gilberto Freyre) ao lado de Abraham Moles, Edgard Morin e Jean Baudrillard; e, em seguida, realiza, ao lado de Jean Baudrillard, uma conferência sobre “o pensamento social francês da atualidade” na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) em Recife e na Universidade do Ceará. A partir de então, Maffesoli voltaria ao Brasil a intervalos relativamente regulares até o final dos anos 2000, frequentemente em companhia de Jean Baudrillard e/ou Edgard Morin. Ao longo dos anos, o número conferências, a diversidade geográfica e as instituições implicadas nesses eventos aumentam e ultrapassam as fronteiras acadêmicas.

Segundo relata Maffesoli, sua presença no Brasil não se deu por acaso. Ao ingressar na Paris-V, seus colegas Georges Balandier e Louis-Vincent Thomas, que dedicavam seus estudos aos países africanos, estavam preocupados com a quantidade de estudantes brasileiros que os procuravam. Nesse contexto, teriam “lhe atribuído” o Brasil, de forma quase administrativa ainda que informal. Para tanto, Maffesoli traçou uma dupla entrada: a primeira em Pernambuco, em torno da temática do imaginário, herdando a rede criada por Gilbert Durand e a de Jean Duvignaud. A segunda, via Rio de Janeiro, por meio da área de comunicação e dos debates sobre a pós-modernidade e/ou vinculados ao problema das mídias.

A rede Pernambucana

Mais de uma década antes da vinda de Michel Maffesoli ao Brasil, uma outra francesa chegou a Pernambuco para realizar sua tese sobre as religiões afro-brasileiras no Nordeste. Seguindo as indicações de Roger Bastide e aproveitando-se de sua experiência precedente no Brasil (onde residira dos quatro aos 18 anos), Danielle Perin Rocha Pitta, orientanda de Gilbert Durand na Universidade de Grenoble, chegou no Recife em 1972 para a realização de sua pesquisa de campo sobre o candomblé (1979). É preciso lembrar que *Casa Grande & Senzala* foi traduzida para o francês por Roger Bastide, também professor da Paris-V, prefaciada por Lucien Febvre e publicada pela Gallimard em 1952. Uma nova edição é lançada pela mesma editora em 1974. As temáticas do imaginário e do cotidiano, para além da forma ensaística, foram tidas como fortes afinidades entre os trabalhos de Gilberto Freyre e desses autores franceses mais jovens, que iniciavam seus intercâmbios com o Brasil. Balandier, por exemplo, descreve Freyre como o inventor da “sociologia do cotidiano” (Diário de Pernambuco, 1972), temática que será cara ao próprio Maffesoli anos mais tarde. A morte de Roger Bastide, em 1974, é noticiada no Recife e mobiliza intelectuais em sua homenagem (Diário de Pernambuco, 1974), o que também colabora para reanimar o debate francês em torno da obra Freyre e as conexões entre França e Brasil. Inicialmente como bolsista e depois como pesquisadora do então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), atual Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Rocha Pitta desempenhou, em 1974,

um papel importante tanto nos eventos ligados à nova edição francesa de Casa Grande e Senzala, quanto naqueles em homenagem a Roger Bastide em função de seu falecimento.¹² Como pesquisadora do IJNPS, ela participa da organização de conferências de Jean Duvignaud (ao menos seis conferências entre 1973 e 1981) e de Georges Balandier (1974).

É também Rocha Pitta quem funda, em 1975, durante a gestão de Fernando Freyre como diretor do IJNPS, o primeiro *Centro de Pesquisas sobre o Imaginário* (CPI) do Brasil, inspirando-se no *Centre de Recherche sur l'imaginaire* – criado em 1966 por Gilbert Durand, Léon Cellier e Paul Deschamps na Universidade de Grenoble (Diario de Pernambuco, 1975). O CPI é transferido para a UFPE com o nome de *Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre o Imaginário* em 1992, um ano após ela se tornar professora no Departamento de Antropologia. Ou seja, em 1982, ano em que o *Centre d'Études sur l'Actuel et le Quotidien* (Ceaq) foi criado por Maffesoli e Georges Balandier, Danielle já era pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco, já tinha criado o *Centro de Pesquisas do Imaginário* há seis anos e promovido dois eventos: *Tradição mítica e criatividade* (1976) e *Imaginário e simbolismo da passagem* (1977).¹³ Entre 1976 e 2011 foram 16 eventos com a temática do *imaginário*. Ou seja, o IJNPS e, posteriormente, o Departamento de Antropologia da UFPE, já estavam trabalhando com as mesmas bases teóricas que informavam Maffesoli quando ele passa a frequentar o Recife a partir de 1982.

Quando Maffesoli, por sua vez, entra na Paris-V, em 1981, Jean Duvignaud (um dos membros do júri de sua tese em 1978) e Georges Balandier (seu colega de departamento) já transitavam em terras nordestinas há vários anos. Duvignaud já havia orientado dois mestrados e dois doutorados de brasileiros.¹⁴ Ele havia entrado para a Universidade Paris VII um ano antes, em 1980, onde criou e dirigiu o *Laboratório de Sociologia do Conhecimento*

¹² A morte de Bastide foi noticiada na primeira página do Jornal do Comércio da edição de 12 de abril de 1974.

¹³ Para mais detalhes sobre o Centro de Pesquisas do Imaginário e o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre o Imaginário ver o site: Histórico. Disponível em: <https://www.nucleopesquisaimaginario.com/historico.html>. Acesso em: 14 mar. 2025.

¹⁴ Jean Duvignaud (1921-2007) foi escritor, crítico de teatro, dramaturgo, ensaísta e sociólogo. Foi *maître de conférences* na Universidade de Túnis (1960-1965), depois nas universidades de Tours (1965-1980) e de Paris-VII (1980-1991). Orientou dois mestrados e três doutorados de brasileiros entre 1976 e 1992.

e do *Imaginário*. Muito próximo de Jean Baudrillard e Edgar Morin – com quem fundara a revista *Arguments* nos anos 1950 –, aproxima-se também de Michel Maffesoli.

Não cabe aqui retraçar em profundidade a rede de relações de Duvignaud com o Brasil. No entanto, chama a atenção o fato de ele ter alcançado reconhecimento suficiente para receber o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Ceará, em 1982, e, no mesmo ano, coordenar um projeto Capes/Cofecub em parceria com a professora da UFC Maria de Fátima Ramos Viana, intitulado *Mutações do poder local em um estado do Nordeste*.

Não por acaso Maffesoli foi convidado várias vezes para estar presente na UFPE e acolheu as pesquisas de pós-doutorado de Danielle Rocha Pitta (1991-1993), a de sua filha, a arquiteta Tania da Rocha Pitta (2007) e de Roberto Motta (1989-1991). Também não é coincidência que, dos nove professores universitários da área de sociologia e antropologia que fizeram parte de sua formação com Maffesoli, cinco estão no Nordeste (UFC, UECE, UFCG e UFPE). Não por acaso, ainda, Gilberto Freyre estava atento às publicações de Maffesoli, publicando comentários em seus artigos na imprensa.

Durante a entrevista, Maffesoli afirma ter sido convidado, logo no início dos anos 1980, para ir a Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro. Sem se lembrar de muitos detalhes, recordou sua proximidade com Jean Duvignaud e sua rede brasileira. Muito provavelmente ele desfrutou de ao menos dois projetos Capes/Cofecub: esse com as coordenações de Maria de Fátima Ramos Viana e Jean Duvignaud; e aquele em que ele próprio coordenou ao lado de Muniz Sodré, da UFRJ, em 1984.¹⁵

O programa Capes/Cofecub parece ter sido importante para essa primeira recepção de Maffesoli no Brasil. Os dois projetos garantiram a presença de Maffesoli no Nordeste e no Sudeste. O papel de Muniz Sodré, professor da Escola de Comunicação da UFRJ desde 1965, também parece ter sido fundamental para inserir a teoria de Maffesoli no campo da Comunicação pela chave da pós-modernidade. São também os contatos cariocas que, provavelmente, levaram às primeiras traduções.

¹⁵ Entre 1978 e 2015, encontramos apenas esses dois projetos com alguma proximidade com Maffesoli, apesar de ele afirmar que teve recorrentes projetos Capes/Cofecub.

A rede carioca

A primeira aparição de Michel Maffesoli no meio universitário carioca ocorre em um contexto de expansão das universidades e, consequentemente, de crescimento do mercado editorial voltado ao público acadêmico. Num primeiro momento, seus livros fizeram parte da expansão do catálogo da “Biblioteca de Ciências Sociais” da Zahar Editores, que buscava autores estrangeiros como forma de minimizar os riscos do investimento. Assim, as publicações de *A lógica da dominação* (1978) e *A violência totalitária* (1981) compõem um universo de títulos díspares, indo de *Ideologia, conflitos e poder*, de Pierre Mansart (1978), a *Classe, crise e o Estado*, de Erik Olin Wright (1981), passando por *Novas regras do método sociológico*, de Anthony Giddens (1978). Como outros autores pouco conhecidos e que ainda não dispunham de uma apresentação ou prefácio assinado por um intermediário, seu nome na capa vinha acompanhado, em letras garrafais, por sua posição institucional: “Da Universidade de Estrasburgo”.

Nos anos seguintes, suas publicações continuaram a ser traduzidas por outras editoras do circuito carioca: Rocco, Graal, Vozes e Record editaram obras entre 1982 e 1990. É nesse período que seu trabalho passou a ser alvo de uma apropriação nacional: o pernambucano Roberto Motta prefaciou algumas de suas obras, assim como o carioca Luiz Felipe Baêta Neves Flores, ambos com vínculos diretos com Maffesoli durante seus pós-doutorados na França.¹⁶ Ademais, cada nova publicação e visita ao Brasil passou a ser divulgada nos cadernos de cultura da grande imprensa.

Sistematizando a estratégia de aclimatação simbólica

Esboça-se, assim, uma “estratégia de aclimatação simbólica”, em que a recepção de Maffesoli se funda em duas chaves: a acadêmica e a midiática. A acadêmica está baseada nas Ciências Sociais pela via dos estudos do imaginário e cotidiano, sobretudo no Nordeste; na Comunicação, sobretudo a partir da UFRJ, com Muniz Sodré e, a partir de 1995, pela PUC-RS com Juremir Machado da Silva. Por meio dessas parcerias, seu nome passa a

¹⁶ Vale sublinhar que, segundo Maffesoli (2025), no “pós-doutorado” de Baêta Neves, financiado pelo CNPq entre 1984 e 1986, dedicaram-se à tradução de sua obra *Tempo das tribos*, editada nesse mesmo ano no Brasil.

figurar com constância em instâncias institucionais (editoras, eventos, colóquios, redes de orientação) e, concomitantemente, torna-se presente na mídia (entrevistas, perfis, citações em colunas culturais).

O diálogo que Maffesoli estabelece com Baudrillard (tanto em suas obras quanto pessoalmente) permite que ele e seus trabalhos passem a circular tanto nos meios intelectuais ditos “críticos” – que buscavam, na esteira da Escola de Frankfurt e da Internacional Situacionista, novas maneiras de abordar as transformações contemporâneas das sociedades capitalistas ocidentais –, quanto entre os analistas de mídia, *design* e marketing, que procuram novas estratégias para apreender a dinâmica dos consumidores. O sucesso de Jean Baudrillard no Brasil, anterior e significativamente mais enraizado do que o de Maffesoli, provavelmente contribui para o recrutamento de doutorandos brasileiros por Maffesoli, uma vez que Baudrillard não estava habilitado a orientar teses de doutorado.

Em paralelo, na França, o Ceaq estruturava-se como ponto de entrada institucional para pesquisadores brasileiros. O acolhimento oferecido por uma rede já composta por ex-orientandos, incluindo uma brasileira radicada em Paris, foi fator determinante para o recrutamento contínuo de novos estudantes.

Mais do que afinidade teórica, dois fenômenos parecem fundamentais para a inserção de Maffesoli nas franjas da sociologia francesa e brasileira. Dois casos empíricos ilustram um fenômeno de repulsão dos periféricos pelo centro das disciplinas em cada um dos países.

Graduado em Jornalismo e em História, Juremir Machado da Silva trabalhava no Jornal Zero Hora de Porto Alegre quando ingressou no Mestrado em Antropologia. No entanto, foi reprovado, na banca de defesa, por Renato Ortiz: “aí me disseram, sua carreira acadêmica acabou, pois, uma reprovação na banca... não há mais o que fazer. Mas eu insisti e ganhei uma bolsa da Capes e do CNPq para fazer doutorado na França. E aí fui para a Paris-V estudar com o Maffesoli”, onde o trabalho reprovado no Brasil fora integrado à sua tese e ganhou uma publicação em francês.¹⁷

Com sua carreira na Antropologia interditada, repelido, por um dos nomes centrais das ciências sociais brasileiras, Juremir, que já vinha de uma área periférica às ciências sociais, é devolvido às margens, o que faz com que

¹⁷ Direito & Literatura - Especial Juremir Machado da Silva (Bloco 1). 3 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eW7N0QOgfkY>. Acesso em: 16 maio 2025.

ele busque compensar o capital simbólico ameaçado com um doutorado em Paris. Mantendo a homologia dos campos, periférico no Brasil, encontra o periférico na França, mas que pela *alloodoxia*, é tido como um grande nome da sociologia francesa a tal ponto de ser financiado pela Capes e CNPq. Em contrapartida, essa refração do ponto de vista dos comunicólogos não permite que se identifique a posição periférica de Maffesoli na sociologia francesa, transformando sua experiência em um doutorado na “Sorbonne”, o que o reabilita a seguir carreira acadêmica, tornando-se, hoje em dia, professor titular da Faculdade de Comunicação da PUC-RS e um dos principais divulgadores da obra de Maffesoli. A dupla presença de Juremir no Rio Grande do Sul (como professor da PUC-RS e jornalista) potencializa sua atuação como divulgador da obra de Maffesoli e talvez explique o fenômeno de o sociólogo francês ter chegado, a partir do final do século XX, à faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. Das cinco enfermeiras que fizeram doutorado ou pós-doc com Maffesoli, três fizeram seu mestrado na UFSC, uma na UFRGS e outra na UFMG. A da UFMG, porém, foi aluna egressa da UFRGS. Nesse sentido, é também curioso como a adoção do sociólogo Maffesoli pela Enfermagem, área mais distante das ciências sociais, pode ter ocorrido pela intermediação da área de Comunicação (hipótese que deveria ser mais bem explorada).

Uma dessas enfermeiras entrevistadas relatou que não havia escolhido Maffesoli como orientador por afinidades teóricas. Ao contrário, conhecia suas obras e não se identificava com elas, optando por “abordagens mais marxistas” da sociologia do trabalho. Assim, chegou a um acordo com uma socióloga francesa para recebê-la em seu doutorado. No entanto, quando a Capes liberou a bolsa e demandou a carta de aceite da instituição estrangeira, o laboratório ao qual a socióloga francesa estava vinculado se recusou a fornecê-la pelo fato de a doutoranda ser enfermeira de formação. Nesse caso, a força de repulsão de áreas mais centrais da sociologia francesa em relação a uma pesquisadora enfermeira brasileira levou-a até Maffesoli, já que, sem outro contato, ela acionou o Ceaq, que lhe respondeu rapidamente a todas as demandas burocráticas exigidas pela Capes para a implementação da bolsa.

Esses casos ilustram como a ampla inserção de Maffesoli no Brasil, associada à organização do Ceaq enquanto uma máquina eficiente de acolhimento de pesquisadores estrangeiros, capaz de abranger os mais diversos temas de pesquisa sem restrições como em outros laboratórios, e

a oferta de bolsas por parte da Capes e do CNPq para doutorandos e pós-doutores fizeram de Maffesoli não apenas um autor francês presente no Brasil, mas um orientador francês muito procurado por alunos brasileiros, por todas as facilidades e benefícios práticos que ele oferecia.

A abertura a diversos temas se reflete ainda na presença de Maffesoli nas publicações acadêmicas brasileiras. Em levantamento realizado no portal Capes de periódicos, foram identificados 142 artigos que mencionam Maffesoli, publicados em 89 revistas brasileiras revisadas por pares. A distribuição por área é reveladora: comunicação (41 artigos), educação (20), saúde e enfermagem (17), sociologia (14). Embora pouco citado em revistas de sociologia com alto fator de impacto, sua obra circula amplamente em campos adjacentes, sugerindo um tipo de translação simbólica que permite à sua teoria operar fora dos critérios de consagração disciplinar estrita.

A esse respeito, um dado ainda mais eloquente é o da distribuição dos orientandos por área de atuação acadêmica posterior à sua titulação: dos brasileiros orientados por Maffesoli que se tornaram professores universitários, 20 atuam na área de comunicação, contra apenas nove na sociologia ou antropologia. A transição da obra de Maffesoli do campo sociológico para os campos da comunicação, da saúde, das artes e da educação atesta não apenas a sua reconfiguração disciplinar, mas também sua função como matriz interpretativa disponível para usos diversos – especialmente em contextos nos quais as diferentes teorias sociológicas mais prestigiosas no campo sociológico são consideradas excessivamente críticas, densas ou tecnicamente exigentes.

Para a Comunicação, a obra de Maffesoli, ao articular um discurso sobre o “imaginário” e sobre a dissolução das grandes narrativas, oferece um recurso retórico eficaz para escapar da exigência crítica que marcou outras tradições teóricas importadas, como a Escola de Frankfurt. Nesse sentido, a recepção de Maffesoli no Brasil pode ser lida como parte de uma dinâmica mais ampla de despolitização da teoria, na qual a sociologia deixa de ser uma forma de crítica social para tornar-se uma sociologia dos estilos de vida.

Esse movimento é acentuado por uma reinterpretação positiva da sua marginalidade epistêmica. Como ele próprio afirmou em entrevista: “O Brasil é o laboratório da pós-modernidade”. Para Maffesoli, enquanto a modernidade se caracteriza pelo individualismo, racionalismo e progressismo, a pós-modernidade funda-se no emocional, no tribalismo e no viver o presente – em

suma, em um retorno daquilo que, para ele, exprime a força antropológica da “Tradição”. Deixando de ver o Brasil como um país do futuro (Zweig, 2022), essa leitura performativa da sociedade brasileira oferece uma inversão discursiva poderosa. O Brasil deixaria de ser o espaço do atraso para tornar-se o espaço da antecipação. A operação simbólica é clara: não se trata apenas de ser acolhido em um país periférico, mas de atribuir à periferia um papel messiânico de antecipação do futuro. Essa inversão discursiva encontra eco em uma longa tradição da sociologia brasileira, marcada por tensões entre a modernização e o tradicionalismo, o nacionalismo e a dependência cultural.

Conclusão

Apesar de sua ampla importação, em vez de uma integração da obra de Maffesoli nos debates centrais da sociologia, assiste-se à sua estratégica dispersão disciplinar: seus conceitos são mobilizados em campos marginais ou interdisciplinares, com pouca articulação crítica com a produção sociológica dominante. Sabendo muito bem pôr em valor aquilo que seu público valorizava, Maffesoli não hesita em se valer das ambivalências para se pôr em destaque. Assim, ele afirma na entrevista que nos concedeu (e em outras) que estudou no Lycée Henry IV, sem precisar que era o de Béziers e não o renomado Lycée de Paris. Do mesmo modo, ele transformou o fato de seus cursos ocorrerem no anfiteatro Emile Durkheim da Universidade Paris-V (décadas integrante da antiga Sorbonne), em sua suposta eleição à “cadeira Emile Durkheim da Sorbonne” – cadeira esta que, oficialmente, nunca existiu. Ele não hesitará tampouco em se descrever ao Jornal do Brasil, em 1982, como um dos líderes das revoltas de maio de 1968; ou, ainda, de dizer, em 1997, ao jornal Folha de São Paulo que orientava então mais de 60 professores brasileiros na França. Fazendo valer a performatividade da linguagem, centrais ao carisma (Pagis, 2024), Maffesoli produz sua “própria *legenda*. E no sentido forte do termo *legenda*: o que deve ser lido, o que é preciso ler” (Maffesoli 2025, p. 9).

É nesse ponto que o processo ativo de refração das hierarquias simbólicas ganha plena atualidade. Com efeito, a valorização pelas instituições brasileiras de carreiras acadêmicas internacionalizadas, um processo de transição entre uma dominância europeia e uma dominância estadunidense no campo das normas acadêmicas privilegiadas no Brasil, a preponderância,

nesse período, de formas pouco objetivas de avaliação da qualidade de instituições e pesquisadores contribuem com a sobrevalorização de Michel Maffesoli no Brasil. A recepção entusiástica da obra de Maffesoli no Brasil, dissociada das críticas que ela suscita em seu campo de origem, oferece um caso paradigmático de como a circulação internacional de ideias pode produzir formas de consagração deslocada – ou mesmo invertida –, quando os mecanismos de reconhecimento são mediados por assimetrias estruturais entre campos nacionais. A projeção simbólica de um nome estrangeiro, associado a uma instituição prestigiada, tende a obscurecer as hierarquias internas do campo de origem e a impedir uma avaliação situada das condições de produção e recepção da obra. O prestígio institucional de “Professor da Sorbonne” atuou, assim, como selo legitimador, independentemente do conteúdo propriamente dito de seus trabalhos.

Nesse sentido, o caso de Maffesoli não é meramente o de um autor consagrado apenas pelas margens da disciplina à qual ele se considera filiado: a sociologia. Ele funciona como um dispositivo simbólico que confere algum prestígio a pesquisadores que também transitam na periferia da sociologia. Sua trajetória, marcada por escândalos acadêmicos, críticas epistemológicas e marginalização disciplinar na França, não impediu que ele se tornasse, no Brasil, um autor prestigiado, celebrado e institucionalmente valorizado. Pelo contrário, os dados mostram que o número de orientações, financiadas pelas agências brasileiras, se mantém constante ou mesmo aumenta após os escândalos de 2001, 2006, 2009. O que, por outro lado, poderia indicar uma estratégia de Maffesoli de fortalecer seus vínculos internacionais para contornar seu desprestígio interno.

Essa disjunção entre a falta de reconhecimento interno e a consagração externa revela, de forma exemplar, os limites da sociologia da recepção que não leva em conta as estruturas específicas dos campos nacionais e suas formas de autonomia relativa. A partir deste caso, cujos contornos o presente artigo permite apenas esboçar, podemos observar como a circulação internacional de autores, conceitos, abordagens e métodos está submetida a um processo complexo de refração institucional que pode, sob certas circunstâncias, recolocar no centro do jogo elementos antes marginais. Mas é preciso sublinhar, como mostrado, que essa refração das hierarquias do campo não resulta de uma incompREENSÃO ou da adoção inconsciente de critérios externos, mas de um processo ativo de valorização das instâncias de legitimação internas ao campo.

Referências

- ABES, Agence Bibliographique de l'Enseignement Supérieur. (2025). *Système Universitaire de Documentation*. Theses.fr, Disponível em: <https://theses.fr/?domaine=theses>
- ABES, Agence Bibliographique de l'Enseignement Supérieur. (2024). *Thèses soutenues en France depuis 1985*. Última atualização em 8 jan. 2024. Disponível em: <https://www.data.gouv.fr/fr/datasets/theses-soutenues-en-france-depuis-1985/>
- Bourdieu, Pierre. (2015). *Sociologie générale* (v. 1). Raisons d'agir-Seuil.
- Bourdieu, Pierre. (2002). Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 145(1), 3-8. <https://doi.org/10.3406/arss.2002.2793>
- Bourdieu, Pierre. (2001). *Science de la science et réflexivité : cours du Collège de France, 2000-2001*. Raisons d'agir.
- Bourdieu, Pierre. (1976). Le champ scientifique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 2(2), 88-104. <https://doi.org/10.3406/arss.1976.3454>
- Bourdieu, Pierre, Bourdieu, Jérôme, & Poupeau, Franck. (2022). *Microcosmes : théorie des champs*. Raisons d'agir.
- Buchholz, Larissa. (2022). *The global rules of art: the emergence and divisions of a cultural world economy*. Princeton University Press.
- Buchholz, Larissa. (2018). Rethinking the center-periphery model: Dimensions and temporalities of macro-structure in a global field of cultural production. *Poetics*, 71, 18-32. <https://doi.org/10.1016/j.poetic.2018.08.003>
- Cambará, Isa. (1982, 23 maio). No Brasil, o sociólogo Jean Baudrillard. *Folha de São Paulo*, p. 66.
- Devinat, François. (1995, 8 set.). Le Grand Orient se déchire pour son grand maître. *Libération*. Disponível em: https://www.liberation.fr/france-archive/1995/09/08/le-grand-orient-se-dechire-pour-son-grand-maitre_144704/
- Diário de Pernambuco. (1972, 15 dez.). *O escritor maior que na pintura está mostrando seu extraordinário talento*. p. 7.
- DiáriodePernambuco.(1974,1maio).RogerBastide.Disponívelem:https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=Roger%20Basride&pafis=55750

Diário de Pernambuco. (1975, 2 set.). *Joaquim Nabuco tem centro para pesquisar assuntos no campo da imaginação*. p. 8.

Faujas, Alain. (1995, 8 set.). Christian Hervé remplace Patrick Kessel à la tête du Grand Orient de France. *Le Monde*. Disponível em: https://www.lemonde.fr/archives/article/1995/09/08/christian-herve-replace-patrick-kessel-a-la-tete-du-grand-orient-de-france_3856964_1819218.html

Fray, Pierre, & Lebaron, Frédéric. (2022). L'anglais, langue de la science et instrument de domination symbolique. Le cas des sciences économiques. *Savoir/Agir*, 61-62(2), 89-109. <https://doi.org/10.3917/sava.061.0090>

Freyre, Gilberto. (1985, 7 jul.). Resposta a um entusiasta do milho. *O Estado de S. Paulo*, p. 21.

Gingras, Yves, & Bertin, Marc. (2015, 26 jun.). La position de la revue Sociétés dans l'espace discursif de la sociologie française. *Zilsel*. Disponível em: <https://zilsel.hypotheses.org/2133>

Go, Julian. (2024). Perspectives sur les champs extra-nationaux [Tradução de Emma Fromont]. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 253-254(3-4), 112-119. <https://doi.org/10.3917/arss.253.0112>

Lillo Cea, Pablo A. (2024). *The world-class ordination: A field theory approach to the study of global university rankings*. Tese [Doutorado em Sociologia da Educação], Universidade de Uppsala, Suécia. Disponível em: <https://urn.kb.se/resolve?urn=urn:nbn:se:uu:diva-521972>

Maffesoli, Michel. (2025). *Apologie : une autobiographie intellectuelle*. Les Éditions du Cerf, 2025.

Maffesoli, Michel. (1978). *La dynamique sociale : la société conflictuelle. Pour une anthropologie politique*. Thèse d'Etat Lettres.

Maffesoli, Michel. (1973). L'enracinement dynamique : l'histoire comme un fait social total. Tese [Doutorado em Sociologia], Universidade Pierre Mendès - Grenoble 2, França.

Motta, Roberto M. C. (2015). *Roberto Mauro Cortez Motta* [Entrevista a Dirceu Salviano Marques Marroquim e Thais Blank]. FGV CPDOC. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/entrevistados/roberto-motta>

Ortiz, Renato. (2008). *A diversidade dos sotaques* [1. ed.]. Brasiliense.

Ortiz, Renato, Michetti, Miqueli, & Netto, Michel N. (2023). *Distinção e globalização*. Fino Traço Editora.

- Pagis, Julie. (2024). *Le prophète rouge – Enquête sur la révolution, le charisme et la domination*. La Decouverte.
- Pezzuto Damaceno, Rafael J., & Mena-Chalco, Jesús P. (2022). A nationwide dataset of advisor-advisee relationships. *Mendeley Data*, 2. <https://doi.org/10.1007/s11192-019-03023-0>
- Quinon, Manuel. (2015, 25 maio). D'une polémique à l'autre... en passant par la compréhension. Petite note bio-méthodologique. *Zilsel*. Disponível em: <https://zilsel.hypotheses.org/1979>
- Sapiro, Gisèle. (2023). L'américanisation des sciences humaines et sociales françaises ? Une cartographie des traductions de l'anglais, de l'allemand et de l'italien en français (2003-2013). *Biens Symboliques / Symbolic Goods*, (12). <https://doi.org/10.4000/bssg.3049>
- Sapiro, Gisèle. (2019). Repenser le concept d'autonomie pour la sociologie des biens symboliques. *Biens Symboliques / Symbolic Goods*, (4). <https://doi.org/10.4000/bssg.327>
- Sapiro, Gisèle. (2013). Le champ est-il national ? La théorie de la différenciation sociale au prisme de l'histoire globale. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 200(5), 70-85. <https://doi.org/10.3917/arss.200.0070>
- Sapiro, Gisèle, Leperlier, Tristan, & Brahimi, Mohamed A. (2018). Qu'est-ce qu'un champ intellectuel transnational ? *Actes de la recherche en sciences sociales*, 224(4), 4-11. <https://doi.org/10.3917/arss.224.0004>
- Sapiro, Gisèle, & Pacouret, J. (2015). La circulation des biens culturels : entre marchés, États et champs. In Johanna Simmément-Germanos (ed.). *Guide de l'enquête globale en sciences sociales* (Cap. 4, pp. 69-93). CNRS Éditions.
- Sapiro, Gisèle, Santoro, Marco, & Baert, Patrick (eds.) (2020). *Ideas on the move in the social sciences and humanities: the international circulation of paradigms and theorists*. Palgrave Macmillan.
- Thenard, Jean-Michel. (1995, 9 set.). Les empoignades se poursuivent au Grand Orient de France. *Libération*. Disponível em: https://www.libération.fr/france-archive/1995/09/09/les-empoignades-se-poursuivent-au-grand-orient-de-france_144592/
- Topalov, Christian (ed.). (1999). *Laboratoires du nouveau siècle : la nébuleuse réformatrice et ses réseaux en France 1880-1914*. École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- Vauchez, Antoine. (2013). *L'union par le droit. L'invention d'un programme institutionnel pour l'Europe*. Presses de Sciences Po.

Wallerstein, Immanuel. (2011). *The modern world-system I: Capitalist agriculture and the origins of the European world-economy in the Sixteenth Century*. University of California Press.

Zweig, Stefan. (2022). *Brasil, um país do futuro* (1. ed.). L&PM.

Recebido: 14 jun. 2025.
Aceito: 27 nov. 2025.



Licenciado sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](#)